
Prazer e Desprazer na Docência: Uma Pesquisa Sobre a Síndrome de Burnout em Professores na Rede Pública no Município de Santa Luzia D'Oeste – RO

Valquiria de Oliveira Alves
Faculdade de Rolim de Moura – FAROL

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar a possível presença da Síndrome de Burnout, no corpo docente de uma Escola pública Estadual na área urbana, no período matutino na cidade de Santa Luzia D'Oeste, sendo avaliados 22 professores. Para avaliação deste, foi utilizado o instrumento Maslach Burnout Inventory – General Survey (MBI-GS). Teve como objetivo identificar a prevalência da síndrome, bem como levantar informações e verificar a existência de associação e dimensões para o enfrentamento dos professores em sala de aula. Os resultados indicaram que 100% apresentam sintomas da Burnout, sendo que os profissionais da área educacional não encontram-se com a Síndrome de Burnout, mas possuem baixa pontuação para reduzida realização profissional, estando assim realizados profissionalmente, o esgotamento físico ou psicológico apontou baixo índice da escala com 54,55 %, acompanhando 77,27% da eficácia profissional e o maior fator encontrado é a reduzida realização no trabalho que totaliza os 100% dos profissionais. A análise dos resultados indica a presença de Burnout e a possibilidade do processo se encontrar em curso na população estudada, podendo estar contido pelo sentimento de realização profissional no trabalho, tendo em vista ser a dimensão que apresentou maior percentual.

Palavras-Chave: Síndrome de *Burnout*. Professores. Estresse.

Pleasure and Displeasure in Teaching: A Research on the Burnout Syndrome in Teachers in the Public Network in the Municipality of Santa Luzia D'Oeste – RO

Abstract: The purpose of this article was to analyze the presence of Burnout Syndrome, in the faculty of a State Public School in the urban area, in the morning period in the city of Santa Luzia D'Oeste, being evaluated 22 teachers. To evaluate this, the Maslach Burnout Inventory – General Survey (MBI-GS) instrument was used. It aimed to identify the prevalence of the syndrome, as well as gather information and verify the existence of association and dimensions for teachers to face in the classroom. The results indicated that 100% have symptoms of Burnout, and professionals in the educational area do not have Burnout Syndrome, but have low scores for reduced professional achievement, thus being professionally performed, physical or psychological exhaustion showed a low rate. of the scale with 54.55%, following 77.27% of professional effectiveness and the biggest factor found is the reduced performance at work that totals 100% of professionals. The analysis of the results indicates the presence of Burnout and the possibility of the process being in progress in the studied population, which may be contained by the feeling of professional fulfillment at work, considering that this is the dimension with the highest percentage.

Keywords: Burnout syndrome. Teachers. Stress.

Introdução

O papel do educador está diretamente ligado na socialização do indivíduo, e para ter um bom desempenho profissional das atividades, depende de como estão suas condições emocionais. A Síndrome de *Burnout* está diretamente ligada ao descontentamento profissional gerado pelo desgaste emocional, devido à intensa jornada de trabalho e a interação professor-aluno da execução de tarefas que muitas vezes é desnecessário assumindo assim um papel não relacionado à essência da sua profissão.

O desenvolvimento do trabalho e os resultados provocados pela insatisfação nas relações profissionais transpassam a vida de uma pessoa e se refletem diretamente em seus aspectos emocional e social. A vulnerabilidade emocional provocada pela ausência de suportes afetivos – pessoa, profissional e social – traz grande preocupação que não fica restrito somente a uma das características da falta de suporte afetivo.

O objetivo desse artigo foi o de identificar se há prevalência de sintoma Síndrome de Burnout em professores de uma Escola Pública Estadual de Rondônia, levantar informações sobre a Síndrome de Burnout e verificar a existência de associação e dimensões para o enfrentamento dos professores na sala de aula.

A escolha desse tema foi importante, visto que a síndrome de *burnout* é um fenômeno pouco conhecido em nossa realidade. Essa pesquisa servirá para esclarecer dúvidas a respeito dessa síndrome, que será útil para o corpo docente da escola escolhida.

Partindo da concepção pessoal de que o homem é um ser social, que descobre, se transforma e é transformado pela via de trabalho, é que acreditamos ser de fundamental importância para qualificação desta construção social, entender os fenômenos psicossociais que envolvem o trabalho humano, e Burnout, não há dúvida, é um destes fenômenos.

O estudo pode auxiliar, após resultados, na escola de que a prevenção e erradicação de Burnout em professores não é uma tarefa solitária deste, mas deve contemplar uma ação conjunta entre professores, alunos, instituição de ensino e sociedade.

Do ponto de vista do desenvolvimento científico através de pesquisa nota-se altos índices de

professores com problemas psicológicos por acumularem várias funções na mesma atividade, com excessiva carga de responsabilidade, somada a desvalorização dos profissionais da educação, tal fato pode desencadear na síndrome de Burnout, o intuito é aferir sobre os índices na região norte, em especial, na cidade de Santa Luzia D'Oeste.

Pode-se dizer que a Síndrome de *Burnout* afeta a qualidade de vida das pessoas e conseqüentemente, de profissionais das mais diversas áreas, se o trabalhador exige muito de si, e se vê em situações que é cobrado pela organização, aumenta ainda mais o nível do princípio gerador de *Burnout*.

Estresse

O conceito de estresse foi primeiramente descrito por Selye, em 1936 (*apud* Helman, 1994). Selye 1959 (*apud* Houaiss *et al.*, 2001) definiu estresse como sendo, essencialmente, o grau de desgaste total causado pela vida. Contudo, no século XVII, o termo foi utilizado por Robert Hooke, no campo da Física, para designar uma pesada carga que afeta uma determinada estrutura física (*apud* Lazarus, 1993). Etimologicamente, estresse deriva do latim *stringere*, significando apertar, cerrar, comprimir (*apud* Houaiss, Villar & Franco, 2001).

Não há um consenso sobre o termo estresse. Alguns autores entendem que representa uma adaptação inadequada à mudança imposta pela situação externa, uma tentativa frustrada de lidar com os problemas (Helman, 1994), mas estresse também pode ser definido como um referente, tanto para descrever uma situação de muita tensão quanto para definir a tensão a tal situação (Lipp & Rocha, 1994).

Estresse é um conjunto de reações físicas, químicas e mentais de uma pessoa decorrente de estímulos ou estressores que existem no ambiente. O estresse é a soma das perturbações orgânicas e psíquicas provocadas por diversos agentes agressores, como trauma, emoções fortes, fadiga, exposição a situações conflitantes, ainda, existem duas fontes de estresse no trabalho: causas ambientais e as causas pessoais que envolvem uma variedade de características individuais que predispõem ao estresse. (Chiavenato, 2010).

Apesar do estudo dos eventos estressores contar com um considerável desenvolvimento histórico, a

maior parte da literatura empiricamente validada surgiu somente nas últimas duas décadas (Briere, 1997). Nas formulações iniciais preponderava o foco sobre o evento estressor *per se*, mas atualmente existe grande consideração nas diferenças individuais e nas variáveis cognitivas e motivacionais Lazarus, 1993 (*apud* Abreu *et al.*, 2002).

Sendo assim, é importante considerar não só a imensa quantidade de fatores potencializadores de estresse, mas também, os aspectos individuais, a maneira como cada um reage às pressões cotidianas, bem como os aspectos culturais e sociais aos quais os sujeitos estão submetidos. Fatos como problemas familiares, acidentes, doenças, mortes, conflitos pessoais, dificuldade financeira, desemprego, aposentadoria, problemas no ambiente de trabalho, guerras e inúmeros outros podem ser experienciados de maneira diversa por dois indivíduos diferentes, em um mesmo contexto histórico, cultural e social, por exemplo, assim como problemas críticos na ordem social de um país podem potencializar o estresse patológico em diversos indivíduos (Helman, 1994; Ladeira, 1996).

Em suas sociedades, os indivíduos tentam atingir metas definidas, níveis de prestígio e padrões de comportamento que o grupo cultural impõe e espera de seus integrantes (Helman, 1994), de maneira que uma frustração na realização desses aspectos pode desencadear o estresse. Cardoso (1999) afirma que, para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde pode ser lesada não apenas pela presença de fatores agressivos (fatores de risco, de “sobrecarga”), mas também pela ausência de fatores ambientais (fatores de “subcarga” como a falta de suficiente atividade muscular, falta de comunicação com outras pessoas, falta de diversificação em tarefas de trabalho que causam monotonia, falta de responsabilidade individual ou de desafios intelectuais).

Portanto, pode-se verificar que algum estresse é importante para a realização de qualquer atividade e que sua total ausência, assim como seu excesso, pode ser prejudicial à saúde. Entretanto, o prolongamento de situações de estresse pode repercutir num quadro patológico, originando distúrbios transitórios ou mesmo doenças graves, como o estresse ocupacional.

Com relação ao stress, Lipp (2000, p. 17) diz que é:

Uma reação do organismo diante de situações difíceis ou muito excitantes, que pode ocorrer em qualquer pessoa, independente de idade, raça, sexo e situação socioeconômica. O stress não é em si mesmo uma doença, mas quando intensa ou prolongada, a reação ao stress pode enfraquecer o organismo, levando-o a uma condição que propicia uma queda no funcionamento do sistema imunológico de tal porte que vários sintomas e doenças podem manifestar. O stress pode manifestar-se tanto no corpo como na mente.

Sendo assim, o estresse pode ser visto como um processo de adaptação e reajuste do organismo, quando este balanceamento não for alcançado (Benevides-Pereira, 2004).

Resumidamente, portanto, *Burnout* tem sido considerado como uma forma de estresse laboral ou ainda como a intensificação da sintomatologia própria do estresse. É sem dúvida o papel temporal, relacional, e as consequências do *Burnout* que o diferencia do estresse. Essa base relacional tem na tensão emocional e nos recursos de enfrentamento que o indivíduo utiliza nas inter-relações presentes nas mais diversas situações de trabalho (Maslach & Letter 1999).

Deste modo, acredita-se que a capacidade de adaptação prejudicada do indivíduo aos agentes estressores pode desencadear o *Burnout*.

Síndrome de Burnout

Nesta ação são diferenciadas três fases: a de reação de alarme, a etapa de resistência e a etapa de esgotamento (Benevides-Pereira, 2004). *Burnout* é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em relação de atenção direta, contínua e altamente emocional (Maslach & Leiter, 1999). As profissões mais vulneráveis são geralmente as que envolvem serviços, tratamentos ou educação (Maslach & Leiter, 1999).

O termo *burnout* é uma composição de *burn* = queima e *out* = exterior, sugerindo assim que a pessoa com esse tipo de estresse consome-se física e emocionalmente, passando a apresentar um comportamento agressivo e irritadiço. A expressão *burnout* em inglês, entretanto, significa aquilo que deixou de funcionar por completa falta de energia, por

ter sua energia totalmente esgotada, metaforicamente, aquilo que chegou ao seu limite máximo.

Para Goolsby e Rhoads 1994 (*apud* Garcia de Los Fayos, 2000) a Síndrome de *Burnout* é claramente diferente do estresse ocupacional, porque ocorre em princípio em “profissões que prestam serviços ou ajuda” diferentemente do estresse ocupacional que pode ocorrer em qualquer profissional. Da mesma forma, Manassero *et al.* (1995) argumentam que a Síndrome de *Burnout* tem um caráter eminentemente idiossincrático, já que se refere a uma forma particular de trabalho, trabalhos de serviços humanos e relações com clientes, pacientes, alunos atendidos, que implicam em envolvimento emocional e uma exposição diária a muitas pessoas com distintas problemáticas de dor, sofrimento ou dificuldades.

É considerado um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixo sentimento de realização profissional (Maslach & Jackson, 1993; Maslach, Schaufeli & Leiter, 2001). O Modelo de Maslach é o mais reconhecido e amplamente utilizado na maior parte dos estudos dedicados a *burnout*. Este modelo enfatiza a importância das características do trabalho como fatores causadores do *burnout*.

Segundo Lipp (2007) pessoas com alto escore em exaustão emocional e despersonalização e baixo escore em realização em realização pessoal estarão com *burnout* mais acentuado. O sintoma descrito como exaustão emocional se refere a um conjunto de ocorrências, tais como sentimentos de desesperança e de solidão, um misto de depressão e raiva, impaciência e irritabilidade, tensão e ansiedade, diminuição da empatia, sensação de baixa energia, aumento das preocupações, suscetibilidade para doenças físicas, tensão muscular, dores lombares ou cervicais e distúrbios do sono.

A despersonalização é o resultado do desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas, por vezes indiferentes e cínicas em torno daquelas pessoas que entram em contato direto com o profissional, que são sua demanda e objeto de trabalho. Num primeiro momento, é um fator de proteção, mas pode representar um risco de desumanização, constituindo a dimensão interpessoal de *burnout*.

Por último, a falta de realização pessoal no trabalho caracteriza-se como uma tendência que afeta as habilidades interpessoais relacionadas com a prática profissional, o que influi diretamente na forma de atendimento e contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização (Malasch, 1998). Trata-se de uma síndrome na qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas não lhe importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil. Finalmente, a síndrome de *burnout* tem sido negativamente relacionada com saúde, performance e satisfação no trabalho, qualidade de vida e bem-estar psicológico (Rabin, Feldman & Kaplan, 1999).

A Síndrome de *Burnout* ataca o profissional, deixando-o sem ânimo, apático. Para ele o trabalho deixa de ser empolgante e perde o sentido. O laborador que se envolve de forma afetiva com seus clientes ou alunos se desgasta, chega ao extremo, desiste, não aguenta mais, entra em *Burnout* (Maslach & Jackson, 1993)

Considerando os prejuízos e transtornos tanto pessoais como sociais que o *burnout* acarreta, no Brasil, a Lei nº 3048/99 reconhece a Síndrome de Esgotamento Profissional como doença de trabalho, síndrome esta entendida como a sensação de estar “acabado”.

Segundo o decreto 3.048 de 6 de maio de 1999, que fala sobre agentes patogênicos causadores de doenças ocupacionais, a Síndrome de *Burnout* está classificada junto aos Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados com o Trabalho, manifestando-se com a sensação de estar acabado. Neste caso a Síndrome de *Burnout* aparece como sinônimo de Síndrome de Esgotamento Profissional.

Refletindo mais realisticamente sobre alguns preceitos culturais que envolvem o trabalho, tais como “o trabalho enobrece... etc.”, Dejours (1992) já afirmava que nem sempre o trabalho possibilita a realização profissional. Algumas vezes o trabalho pode causar desde insatisfação ou frustração, até a exaustão emocional. Alguns sintomas associados ao *burnout* estão subdividindo em Físicos, Psíquicos, comportamentais e Defensivos, temos (Benevides-Pereira, 2004):

Sintomas Físicos: Fadiga constante e progressiva: a sensação de falta energia, de vazio interno, é o sintoma mais referido na literatura e pela

maioria das pessoas acometidas pelo *burnout*. Muitas vezes as pessoas relatam que, mesmo depois de uma noite de sono, acordam cansadas e sem ânimos para nada.

Dores musculares: as mais frequentes são as dores na nuca e nos ombros. As dores na coluna também possuem alta incidência. Por vezes o profissional se vê “travado” por dia.

Distúrbios do sono: Para Borges e Zanelli (2004), a monotonia, a tensão, a fragmentação das atividades, os conteúdos do trabalho, a sobrecarga de trabalho e responsabilidades, os conflitos e as ambiguidades de papéis são possíveis estressores no trabalho podendo surgir a síndrome de *burnout*.

Freudenberg 1974 (*apud* Borges *et al* 2004) foi um dos primeiros a descrever essa síndrome, inicialmente constatando-a apenas em funcionários das equipes de saúde mental. Observava que, com o passar do tempo, alguns desses funcionários apresentavam uma síndrome composta por exaustão emocional e adaptativa, desilusão ou frustração e vontade de isolamento social. Os sintomas básicos dessa síndrome seriam, inicialmente, uma exaustão emocional onde a pessoa sente que não pode mais fazer nada de si mesma. Em seguida desenvolve sentimentos e atitudes muito negativas, como por exemplo, certo cinismo na relação com as pessoas do seu trabalho e aparente insensibilidade afetiva.

O Burnout segundo Jacques e Codo (2007, p. 124) pode ser “considerado uma das principais consequências do estresse profissional. Além do desgaste físico, outros sintomas podem ser encontrados; o cansaço, a irritabilidade, a ansiedade, diminuição da realização e produtividade profissional e depressão”.

Finalmente o indivíduo manifesta sentimentos de falta de realização pessoal no trabalho, afetando sobremaneira a eficiência e habilidade para realização de tarefas e de adequar-se à organização. Esta síndrome é o resultado do estresse emocional incrementado na interação com outras pessoas. Algo diferente do estresse genérico, a síndrome de *burnout* geralmente incorpora sentimentos de fracasso. Seus principais indicadores são: cansaço emocional, despersonalização e falta de realização pessoal.

Por isso é importante observar as características que são inerentes à síndrome de *burnout*. Na psicologia, o conceito mais utilizado para esclarecer

sobre essas características é aquele utilizado por Maslach e Jackson (1986 *apud* Benevides-Pereira, 2004, p. 36, grifo do autor), onde afirma:

[...] o *burnout* é referido como uma síndrome multidimensional constituída por *exaustão emocional, desumanização e reduzida realização pessoal* no trabalho. O *burnout* é a maneira encontrada de enfrentar, mesmo que de forma inadequada, a

cronificação do estresse ocupacional. Sobrevêm quando falham outras estratégias para lidar com o estresse.

A *exaustão emocional* caracteriza-se pela sensação de esgotamento emocional e físico. Trata-se da constatação de que não se dispõe mais de nenhum resquício de energia para levar adiante as atividades laborais. O cotidiano no trabalho passa a ser penoso doloroso.

A *desumanização* [...] revela-se através de atitudes de distanciamento emocional, em relação às pessoas às quais deve prestar serviços e os colegas de trabalho. Os contatos tornam-se impessoais, desprovidos de afetividade, desumanos. Por vezes, estes profissionais passam a apresentar comportamentos ríspidos, cínicos, irônicos.

Esta dimensão é considerada como o elemento defensivo da síndrome.

A *realização pessoal* nos afazeres ocupacionais decresce, perdendo a satisfação e a eficiência no trabalho. Há um sentimento de descontentamento pessoal, o labor perde o sentido e passa a ser um fardo.

Estudos demonstram que essas características se apresentam de forma gradativa e evolutiva, o que dificulta a percepção da sintomatologia do *burnout*. Pesquisas apontam também que é crescente o índice dessa síndrome nos docentes, principalmente por se tratar de um trabalho em que seu exercício é desempenhado diante de alguns fatores que são potencialmente estressadores. (Carlotto & Silva, 2003).

Burnout e Estresse Ocupacional

Devido ao fato de essas síndromes serem ocasionadas a partir de situações relacionadas ao trabalho, há quem desconsidere suas diferenças. No entanto, embora não haja na literatura um consenso em relação à gênese das mesmas, *burnout* não é o mesmo que estresse ocupacional. *Burnout* é o resultado de um prolongado processo de tentativas de lidar com determinadas condições de estresse Rabin,

Feldman, & Kaplan, (1999 *apud* Abreu, Stoll & Ramos, 2002). O estresse pode ser visto como seu determinante, mas não coincide com o mesmo. Farber 1985 (*apud* Roazzi, Carvalho & Guimarães, 2000) explora a idéia de que *burnout* não resulta só do estresse em si (que pode ser inevitável em profissões assistenciais), mas do “estresse não mediado”, do estresse não moderado, sem possibilidade de solução. Assim, *burnout* não é um evento, mas sim um processo e, apesar de compartilharem duas características - esgotamento emocional e escassa realização pessoal - *burnout* e estresse ocupacional diferem pelo fator despersonalização (Carvalho & Guimarães, 2000). León e Igti (1999) consideram *burnout* como um quadro clínico mental extremo do estresse ocupacional.

Através de pesquisa longitudinal, realizada com psicólogos escolares dos EUA, Mills e Huebner 1998 (*apud* Abreu *et al* 2002) observaram a natureza transacional do relacionamento entre *burnout* e experiências ocupacionais estressantes. Os dados sugerem que, não somente estas experiências podem predispor os indivíduos a experimentar *burnout*, mas também que elevados níveis de *burnout* podem levá-los a desenvolver estresse ocupacional adicional.

Parece haver um consenso em torno da síndrome de poder ser caracterizada como uma resposta ao estresse laboral crônico, mas é importante que seus conceitos sejam mantidos distintos. *Burnout* tem como consequência uma dessensibilização dirigida às pessoas com quem se trabalha, incluindo usuários, clientes e a própria organização, e o estresse é um esgotamento diverso que, de modo geral, interfere na vida pessoal do indivíduo, além de seu trabalho (Codo, 1999). Entretanto, apesar de suas particularidades, as diferenças entre os dois não são claras, em função dos fatores desencadeadores serem muito próximos, o que dificulta o estabelecimento de um diagnóstico preciso e de uma relação de comorbidade.

O estresse não é necessariamente disfuncional. Algumas pessoas trabalham bem sob pequena pressão e são mais produtivas em uma abordagem de cobrança de metas. Outras buscam incessantemente mais produtividade ou um melhor trabalho. Um nível modesto de estresse conduz a maior criatividade quando uma situação competitiva conduz a novas ideias e soluções (Chiavenato, 2008).

Metodologia

Sujeitos

Foram analisados 22 professores que exercem atividade docente em uma das instituições públicas estaduais de ensino localizadas na zona urbana no município de Santa Luzia D'Oeste - RO. O estudo fora realizado em apenas uma escola com 100% dos docentes. Os professores trabalham de 20 a 40 horas semanais e possuem, em média, 12 anos e 6 meses de experiência profissional. Os dados foram coletados entre agosto e outubro de 2019.

Instrumentos

O *Burnout* foi avaliado através do Maslach *Burnout* Inventory - General Survey (MBI-GS). O MBI-GS e a terceira versão proveniente da escala original, de auto resposta desenvolvida por Maslach e Jackson (1999) com o intuito de explorar as dimensões subjacentes a este quadro. Consiste num instrumento com 16 itens que analisam três dimensões de Burnout.

Todos os *itens* são pontuados numa escala de frequência de 7 pontos desde 0 (nunca) a 6 (diariamente), (Maslach *et al.*, 1999). Solicitou-se aos participantes que indicassem os sentimentos que já tivessem experimentado no seu contexto de trabalho, através da escala MBI-GS. Para o efeito, deveriam indicar a posição que melhor reflete a sua experiência, por meio de uma escala de 7 pontos (0 = Nunca; 6 = Todos os Dias). A avaliação do Burnout resulta da média dos 16 itens da escala MBI-GS (Anexo I).

O Burnout e contextualizado como uma variável continua variando de grau “baixo” a “moderado” até ao “elevado” da experiência do sentimento. Os elevados valores de exaustão emocional e física, bem como cinismo e baixos valores de eficácia profissional são indicadores de Burnout.

Métodos

Diante do tema abordado, utilizou-se o método quantitativo e como delineamento pesquisa de campo para obter os resultados desejados, relacionado ao

estresse ocupacional que acomete profissionais que trabalham com qualquer tipo de cuidado principalmente na área educacional.

Segundo Richardson (1999) método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coletas de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio padrão, as mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão.

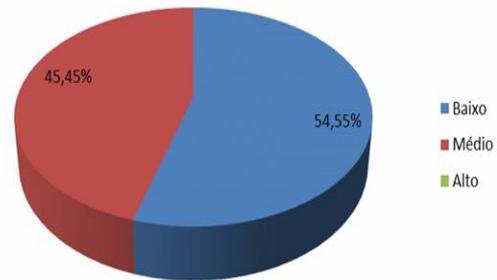
A pesquisa de campo procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Ciência e áreas de estudo, como a Antropologia, Sociologia, Psicologia Social, Psicologia da Educação, Pedagogia, Política, Serviço Social, usam frequentemente a pesquisa de campo para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade.

Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados, a pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa. Numa pesquisa em que a abordagem é basicamente quantitativa, o pesquisador se limita à descrição factual deste ou daquele evento, ignorando a complexidade da realidade social (Franco, 2001).

Resultados

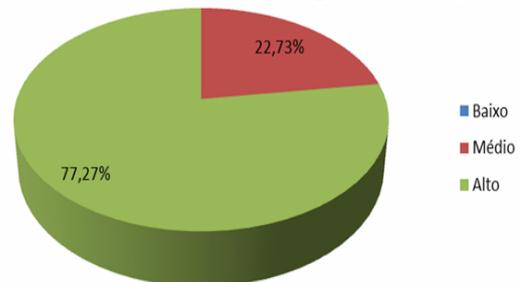
De acordo com a análise feita, considerando cada objetivo proposto, e a partir da aplicação do questionário Maslach *Burnout Inventory* (MBI) para a investigação quanto à Síndrome de *Burnout*, obtiveram-se os resultados apresentados no quadro a seguir:

Gráfico 1: Resultado obtidos pelos professores no Maslach *Burnout Inventory* (MBI) para avaliação da Síndrome de *Burnout* **Exaustão**



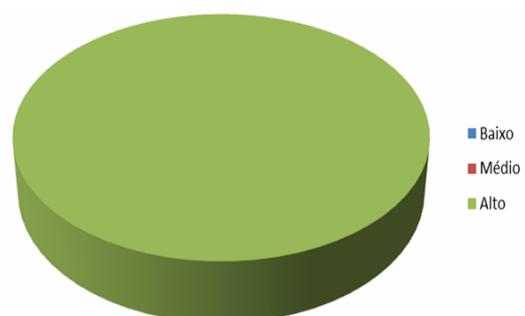
Fonte: A autora (2019)

Gráfico 2: Resultados obtidos pelos professores no Maslach *Burnout Inventory* (MBI) para avaliação da Síndrome de *Burnout* **Despersonalização**



Fonte: A autora (2019)

Gráfico 3: Resultados obtidos pelos professores no Maslach *Burnout Inventory* (MBI) para avaliação da Síndrome de *Burnout* **Envolvimento pessoal no trabalho**



Fonte: A autora (2019)

Observou-se no gráfico 1 a dimensão *Exaustão emocional* com o índice baixo em 54,55% dos professores. A dimensão

Despersonalização gráfico 2 vem logo a seguir com 77,27% demonstrando um alto resultado, e por fim o gráfico 3 os professores apresentam índice alto de *Redução da realização profissional* no trabalho totalizando 100% da síndrome e estão, dessa forma, satisfeitos com a realização no trabalho índice mais elevado em relação às outras dimensões no corpo docente da rede pública no município de Santa Luzia D' Oeste.

Discussão

Os resultados referentes ao perfil sociodemográfico dos professores pesquisados, apresentados neste estudo, revelam um grupo predominante feminino, perfil similar ao estudo de Codo (1999), com quase 39 mil trabalhadores em educação no Brasil, e Volpato (2003), com professores de escolas municipais do município de Maringá (PR), nos quais grande maioria dos professores é do sexo feminino.

A partir da aplicação do Maslach *Burnout Inventory* para a investigação quanto à síndrome de *Burnout* verificou-se pelo índice de *Exaustão emocional*, que mais da metade dos professores apresentam sintomas de *Burnout*, e demonstram estar emocionalmente esgotados. Hipotetiza-se que um dos fatores desencadeantes possa advir do contato diário mantido com colegas de trabalho e alunos, resultando assim, em uma tensão emocional. Essa situação pode levar a uma avaliação negativa de si mesmo e, com isso, ocorrer uma perda de grande parte de sua autoestima.

As consequências do *burnout* não se manifestam somente para o professor, mas também traz repercussões sobre a instituição educacional e na relação com os alunos. Para Carlotto (2002), os professores acometidos pela síndrome não se envolvem, faltam-lhes carisma e emoção na relação com seus alunos, o que afeta a aprendizagem, a motivação e o comportamento destes.

Mas talvez, mais sério e importante, seja o desligamento psicológico do trabalho a *despersonalização*, baixo envolvimento e comprometimento com os resultados grupais e organizacionais, uma vez que o indivíduo permanece

no emprego, mas seu desempenho entra em declínio, provavelmente agravando seu bem-estar físico e psicológico.

Codo (1999), num estudo realizado com trabalhadores da educação em todo o território brasileiro, observou que 48,4% deles experimentam a síndrome de *burnout*, pois apresentam níveis elevados em pelo menos uma das subescalas.

É considerável a preocupação para a categoria de professores no município de Santa Luzia do Oeste, uma vez que os altos níveis de despersonalização revelam sentimentos de frieza com os que estão a sua volta tais como com colega de trabalho, alunos, superiores e familiares.

A despersonalização é o desenvolvimento de atitudes negativas e insensíveis para os destinatários a que os seus serviços se destinam. Caracterizada pelo desenvolvimento de uma insensibilidade emocional, que faz com que o profissional trate os clientes, colegas e a organização de maneira desumanizada (Cavalheiro, Junior & Lopes, 2008).

Quanto à reduzida realização profissional, revelam a motivação e satisfação com o trabalho, julgando-se capazes de cumprir com as demandas de sua função.

O resultado apresentado no MBI revela, portanto, um sentimento de deterioração da percepção da competência dos profissionais, porém a presença de satisfação com o próprio trabalho é clara.

Dessa forma a importância do bem-estar e a saúde do indivíduo no trabalho, pois é no trabalho que se passa a maior parte do tempo. A qualidade de vida está diretamente relacionada com as necessidades e expectativas humanas e com a respectiva satisfação desta. Corresponde ao bem-estar do indivíduo, no ambiente de trabalho, expresso através de relações saudáveis e harmônicas (Kanaane, 1994).

A análise dos resultados indica a presença de *Burnout* e a possibilidade do processo se encontrar em curso na população estudada, podendo estar contido pelo sentimento de realização profissional no trabalho, tendo em vista ser a dimensão que apresentou maior percentual.

Burnout não é um fenômeno novo; o que talvez seja novo é o desafio dessa categoria profissional em identificar e declarar o estresse e o *burnout* sentidos. O professor conhece muito sobre o que e como ensinar, mas pouco sobre os alunos e muito menos

sobre si mesmo (Doménech, 1995). Percebe-se, portanto, a importância da prevenção no combate aos fatores desencadeadores da Síndrome, o que envolve todo um estudo quanto às condições de trabalho a que esses profissionais estão submetidos.

A combinação desses três fatores representa ameaça à saúde do profissional da educação, bem como comprometimento de seu trabalho, exigindo intervenção imediata à síndrome. Esse aspecto pode revelar a necessidade desses professores terem um espaço em que possam ser ouvidos. Assim, uma intervenção psicológica visando o fortalecimento da rede de suporte social se constitui em uma proposta de trabalho a ser sugerida, a fim de amenizar os efeitos das situações estressantes.

Os papéis dos docentes vêm se modificando rapidamente e muitos não conseguem acompanhar este ritmo resultando em intensificação do trabalho docente, ampliando suas ações e, conseqüentemente, causando desgastes e insatisfação por parte destes profissionais. A qualidade de vida no trabalho no que diz respeito à saúde, não depende somente de uma parte, mas sim de um todo que engloba o professor, a instituição, a sociedade e programas de políticas públicas, respectivamente.

Colaborar para a melhoria da qualidade de trabalho diminui o sofrimento dos trabalhadores. Portanto, enfatizar a promoção dos valores humanos como estratégia preventiva da síndrome de *Burnout* é o começo, para que o espaço de trabalho possa se constituir num espaço de prazer, além do de subsistência de vida.

As relações sociais, as redes de relações e o apoio social são tópicos atuais da Psicologia, especialmente no que diz respeito às contribuições

que esta ciência pode dar ao Bem-Estar e Satisfação com a Vida das pessoas (Neri, 2004). Acreditamos que estudos futuros que utilizem o argumento em favor da ideia de que as relações sociais podem de várias formas, promover melhores condições de saúde, pode nos esclarecer mais sobre a Síndrome de *Burnout*.

Desenvolver estudos futuros voltados para a educação da rede pública, utilizando essas teorias, poderia significar uma contribuição na melhoria das condições de trabalho e diminuição do sofrimento dos trabalhadores. Entretanto, deve-se considerar que se trata de dimensão particular que tem relação com uma outra mais geral: a sociedade em que está inserida.

Verifica-se que um número reduzido de pesquisas sobre o assunto foi realizado em Rondônia, fator que tende a se modificar, já que o tema adquiriu certa visibilidade no meio acadêmico e novos trabalhos estão em andamento.

A pesquisa realizada e aqui apresentada, ao indicar o sofrimento psíquico a que está submetido um grupo de trabalhadores da educação da rede pública do Município de Santa Luzia D'Oeste, explicita condições de vida e trabalho que garantam a saúde física e mental de todos os trabalhadores da educação de forma. Considerando a dificuldade de relacionar o contexto sociodemográfico que estão sujeitos esses profissionais, no estudo realizado apresenta ausência desses fatores, por isso a importância de levar em conta que variáveis, como idade, sexo, estado civil, turno de trabalho para enriquecimento de futuros estudos.

Espera-se, que esse material possa contribuir para o conhecimento e esclarecimento da importância de se falar sobre a morte e como auxiliar na vivência e enfrentamento desse luto.

Referências

- Abreu, K. L. D. *et al.* (2002). Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*, 22, 22-29.
- Benevides-Pereira A.M.T. (2004). A síndrome de *burnout*. *Conferência proferida no I Congresso Internacional sobre Saúde Mental no Trabalho*. Goiânia.
- Briere, J. (1997). *Avaliação psicológica de estados pós-traumáticos em adultos*. Washington, DC: Associação Americana de Psicologia.
- Cardoso, W. L.C.D. (1999). *Qualidade de vida e trabalho: uma articulação possível*.

-
- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia em estudo*, 7, 21-29.
- Silva, G. N. D., & Carlotto, M. S. (2003). Síndrome de Burnout: um estudo com professores da rede pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7, 145-153.
- Cavalheiro, A. M., Junior, D. F. M., & Lopes, A. C. (2008). Estresse em enfermeiro trabalhando em unidades de cuidados intensivos. *Rev. Latino-am Enfermagem*, 16(1), Ribeirão Preto jan-fev
- Chiavenato, I. (2008). *Gestão de Pessoas*. São Paulo: Campus,
- Chiavenato, I. (2010). *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Codo, W. (Coord.). 1999. Educação, carinho e trabalho: *burnout*, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho*. ed. Cortes-Obore, SP.
- Fayos, G. D. L. (2000). Síndrome de Burnout e sua avaliação: uma revisão dos principais instrumentos de medida. *Rev. do Departamento Personalidade Psicológica, Avaliação e Tratamento*. Valencia.
- Franco, M.E.D.P. (2000). *Comunidade de conhecimentos, pesquisa e formação do professor do ensino superior*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Helman, C. G. (1994). *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Houaiss, A., Villar, M. S., & Franco, F.M.M. (Orgs.). (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jacques, M.G., & Codo, W. (org.). (2007). *Saúde mental e trabalho*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kanaane, R. (1994). *Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao Século XXI*. São Paulo: Atlas.
- Ladeira, M. B. (1996). O processo de stress ocupacional e a psicopatologia do trabalho. *Revista de Administração*, 31(1), 64-74.
- Lazarus, R. S. (1993). *Do estresse psicológico às emoções: uma história de mudanças de perspectiva*. Revisão Anual de Psicologia.
- León, L. M., & Iguti, Aparecida Mari. (1999). Saúde em tempos de desemprego. Em: L. A. M. Guimarães, & S. Grubits (Orgs.). *Série Saúde Mental e Trabalho*. (pp. 239-258). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. N., & Rocha, J. C. (1994). *Stress, hipertensão arterial e qualidade de vida: um guia de tratamento ao hipertenso*. Campinas: Papyrus.
- Lipp, M. N. (2000). *Crianças estressadas: causas e sintomas e soluções*. Campinas São Paulo: Papyrus.
- Lipp, M. N. (2007). *O Stress do professor: o burnout*. Campinas São Paulo: Papyrus.
- Maslach, C. & Jackson, S. E. (1986). *Maslach Burnout Inventory*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press.
- Maslach, C., Jackson, S. E., & Leiter, M. P. (1999). *The Maslach Burnout Inventory: Test manual*. 3. ed. Palo Alto, CA. Consulting Psychologist Press.

Neri, A. L. (2004). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas: Papirus.

Rabin, S., Feldman, D., & Kaplan, Z. (1999). Estratégias de estresse e intervenção em profissionais de saúde mental. *Jornal Britânico de Psicologia Médica*, 72, 159-169.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Roazzi, A., Carvalho, A. D., & Guimarães, P. V. (2000, June). Análise da estrutura de similaridade da síndrome de burnout: validação da escala Maslach Burnout Inventory em professores. In *Encontro mineiro de avaliação psicológica: teoria e prática; conferência internacional de avaliação psicológica: formas e contextos* (8, pp. 1-33).

Volpato, D. C. *et al.* (2003). Burnout: o desgaste dos professores de Maringá. *Revista Eletrônica Interação Psy*, 1(1), 90-101.

Zanelli, J. C., Andrade, J.E.B., & Bastos, A.V.B. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Valquiria de Oliveira Alves

Graduada em Psicologia pela FAROL - Faculdade de Rolim de Moura. Artigo apresentado para obtenção de título de Especialista em Neuropsicologia com Ênfase em Reabilitação Cognitiva pelo Instituto Pedagógico Brasileiro.

E-mail: valquiriapsicologiafarol@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-5666-5656>

Recebido em: 15/07/2022

Aceito em: 01/08/2022